

TRANSCRIÇÕES - JESSICA DAMIANA PIRES FERNANDES

Resposta de Jessica Damiana sobre a questão do produtivismo universitário:
Sobre a questão do produtivismo ser feita somente em gabinete, aí ele citou o NIESBF, eu entendo o que você disse. Então eu optei por iniciar minha fala por esta questão.

Quando eu comecei na universidade em 2010, eu era cotista, e como eu comecei muito nova na faculdade, neste primeiro ano eu acabei não aproveitando as oportunidades que a Universidade oferece para a gente, e então no ano seguinte eu tive a oportunidade de começar como voluntária de trabalhar no NIESBF, sem bolsa, como o lobato falou. Em alguns momentos é importante abrimos mão. Sei que é difícil para todos, pois eu também precisava trabalhar, mas abrir mão de algumas coisas em prol da nossa vivência na Universidade.

Então eu comecei a trabalhar no NIESBF como voluntária durante um ano, sendo todo o ano de 2011 trabalhando como voluntária no NIESBF. Apresentei trabalhos, ajudei na produção do grupo, e comecei a perceber que só esta produção acadêmica, somente este espaço acadêmico pela produção não me completava e não fazia sentido. Algumas discussões acabavam não sendo tão aprofundadas, ou não atingiam os objetivos delas justamente porque faltava aquela prática. E aí eu comecei a participar um pouco mais do movimento estudantil através do centro acadêmico, participando das reuniões e encontros, e no ano de 2012 eu ajudei a construir o EREGEO realizado na FEBF, que é o Encontro Regional dos Estudantes de Geografia, e eu pude perceber que em alguns momentos faltou um pouco a participação dos próprios estudantes da FEBF, que nem durante a realização do evento acabaram prestigiando.

É claro que isto não se estende a todos. Alguns que estão presente aqui ajudaram a construir e participaram deste evento. E como isto fica não a crítica, mas a reflexão sobre que tipo de Geógrafo estamos querendo formar ou estamos formando, se dentro da própria universidade não se valoriza os eventos realizados aqui. Dizem que a FEBF não tem produção e não tem credibilidade, mas está sendo realizada uma semana de Geografia, e vejam quantas cadeiras vazias nesta sala, e quantos estudantes de Geografia estão na faculdade.

Daí entramos em outra discussão. Será que apenas a sala de aula, ou só o movimento estudantil, sem a participação dos dois formam um Geógrafo completo?. Será que precisamos somente da sala de aula? Será que somente precisamos do movimento estudantil? Será que os dois não se completam

neste sentido?. E então eu comecei a perceber que os dois se completam. A gente precisa dos dois para construir este “ser Geógrafo” que a gente tanto discute não somente aqui, mas em outros lugares.

Depois desta minha atuação na construção do EREGEO, eu segui no grupo de pesquisa, e comecei a trabalhar com a questão dos pescadores artesanais na Baixada Fluminense, e pude ter contato com este tipo de movimento, com a luta destes sujeitos, e pude perceber também que não adiantava ficar apenas na teoria, estudando quais são os processos que atingem esta classe social, mas também era necessário participar da prática, do cotidiano de lutas destes sujeitos.

Eu comecei a participar então do Fórum dos Atingidos pelas indústrias de Petróleo nas Cercanias da Baía de Guanabara (FAPP – BG), e pude estar participando mais de perto deste movimento, desta luta destes pescadores.

Destas discussões que surgiu o meu trabalho de monografia, de conclusão de curso, onde eu trabalhei com os conflitos ambientais, e os impactos destes conflitos no cotidiano dos pescadores, a disputa da REDUC com os pescadores da Baía de Guanabara, e eu decidi levar isto adiante para o meu projeto de mestrado.

Nesta construção, surgiu esta possibilidade de eu tentar o mestrado. Atualmente eu faço mestrado na FFP/UERJ, e pude perceber mais uma coisa em relação a nossa faculdade, a FEBF. Como já foi dito, ela acaba sendo um pouco desconhecida neste meio acadêmico, e muitas das vezes começamos a achar que não estamos preparados para enfrentar uma seleção de mestrado, que não temos base para estas discussões, e na verdade eu pude perceber que é ao contrário.

Nesta faculdade, a FEBF, nós estamos muito bem preparados, graças a alguns professores. É claro que existem algumas defasagens, e isto ficou muito claro para mim, principalmente em referência as questões de Teoria da Geografia, que é uma disciplina extremamente importante para o nosso currículo, para nossa formação, e infelizmente aqui, eu acredito que a maioria que está aqui, inclusive alguns colegas que compõe a mesa, vão concordar que é uma disciplina em que a gente tem, acredito eu, a nossa maior defasagem na formação.

Eu tive de correr atrás disso, já que me propus a tentar este mestrado, mas graças a ajuda do Professor Luciano, que realmente foi um diferencial aqui na FEBF, não sei se todos aqui tiveram aula com ele, mas a partir da chegada dele, a nossa faculdade foi bem transformada, e quem pode ter contato com ele percebi isso. E a ajuda dele foi fundamental, já que tinha essa dificuldade nesta questão teórica.

Por outro lado, outros professores como a Andrea, principalmente, valendo destacar a dedicação que ela tem por esta universidade, e vale destacar também a falta de dedicação de alguns outros professores concursados, que nem um projeto de pesquisa tem dentro desta universidade e acabam tirando parte do seu sustento ou todo o seu sustento daqui e não dão retorno, apenas se aproveitam deste espaço.

Voltando, eu dizia então que temos total condição de competir de igual para igual com estes outros estudantes. É claro que com algumas defasagens, mas que podem ser superadas. E então eu passei na seleção do mestrado, fazendo-o atualmente na FFP/UERJ, vou defender a minha qualificação agora em julho do ano que vem. Parece que é um tempo longo, mas já se passaram nove meses.

Pesquisas desenvolvidas por Jessica Damiana no âmbito da realização de seu mestrado pela FFP/UERJ:

Eu trouxe um pouquinho para discussão aqui a minha pesquisa no mestrado. Da minha prática no NIESBF, eu acabei dando sequência a esta questão de trabalhar com a pesca artesanal. O título provisório do meu trabalho é: “ A Visibilidade do Invisível: As Transformações Espaciais de 2000 a 2015 e seus Impactos no Cotidiano do Pescador Artesanal no Município de Magé. ”

Eu vou trabalhar, então, com as questões do impacto, principalmente dos impactos das indústrias petroquímicas, a REDUC particularmente, e como que os impactos destas indústrias acabam alterando o modo de vida do pescador artesanal.

A partir do século XX nós vamos ter um processo muito grande de transformações espaciais em toda esta região em torno da Baía. Então a minha área de estudo acaba se expandindo um pouco mais, envolvendo as questões do espaço metropolitano do Rio de Janeiro.

Eu escolhi iniciar a minha análise a partir dos elementos do espaço que estão presentes na Baía de Guanabara, e baseando a minha ideia de elementos do espaço na proposta do livro do Milton Santos, Espaço e Método, onde ele elenca alguns elementos do espaço, e que a partir das relações e inter-relações destes elementos, é que a gente consegue perceber e ter uma análise mais completa do espaço que está sendo analisado.

Eu elenco alguns elementos que fazem parte deste espaço da Baía de Guanabara, principalmente as indústrias petroquímicas e os pescadores, que são os objetos mais específicos de minha análise.

A justificativa do meu trabalho é primeiramente porque eu acredito que os dois tipos de militância são importantes, tanto a acadêmica, quanto a mais “prática” em si, pois cada uma tem a contribuir de alguma forma. Eu já estive mais atuante no movimento estudantil, participando de manifestações e outras atividades, mas eu percebi que não era tanto o meu perfil, pois eu tenho um perfil mais calmo, e ir para passeata para entrar em confronto não faz parte do meu perfil.

Então eu percebi que poderia contribuir com esta luta de uma outra forma. Se por um lado a militância prática ela é fundamental, por outro a militância teórica, digamos assim, também é importante porque em alguns órgãos a luta prática não é ouvida. Mas se você chegar com um papel escrito, de repente é uma outra forma de você estar dando voz ao que aquele sujeito, ou ao que aquele grupo necessita, e então eu escolhi trabalhar por este viés.

Eu baseei meu trabalho nesta luta destes pescadores, mas tentando dar a minha contribuição teórica a esta questão. Esta tabela mostra um pouco das funções da Baía de Guanabara, porque o atual estágio de degradação da Baía vai refletir no modo de vida destes pescadores artesanais, e nas lutas cotidianas deles, já que a degradação da Baía acaba atingindo diretamente a atividade básica de seu sustento, que é a pesca.

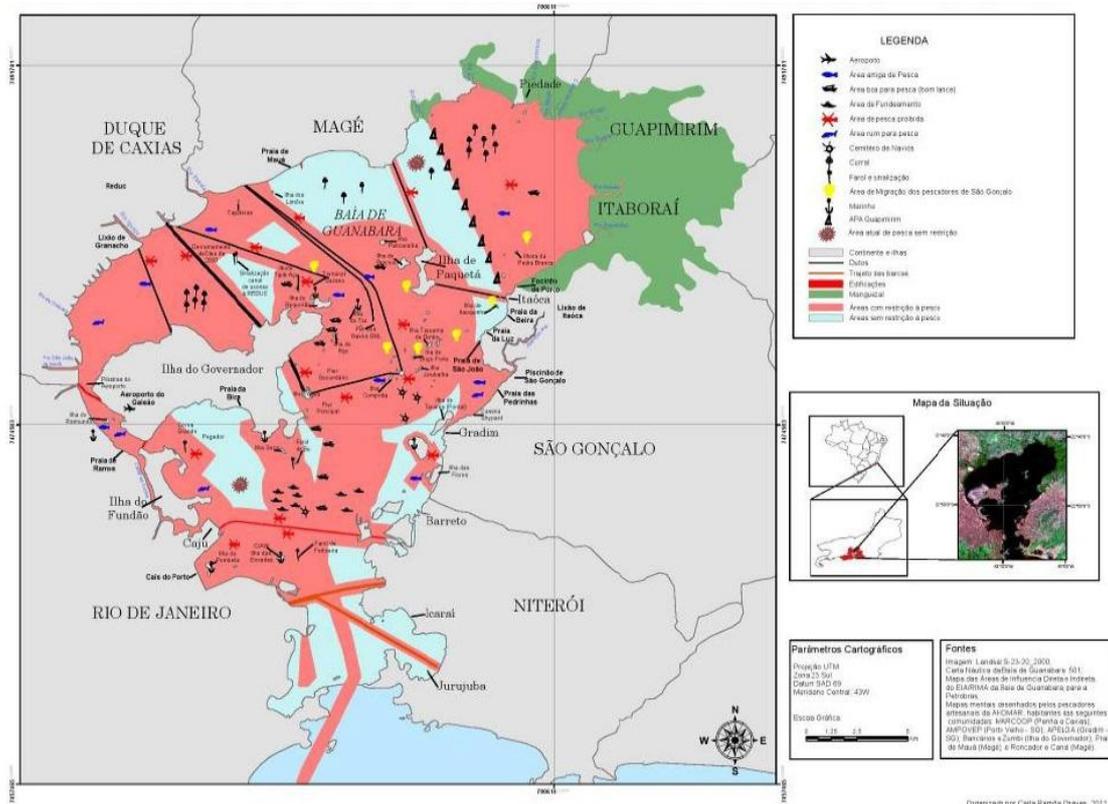
Ao longo do século, estas funções que a Baía de Guanabara acumulou vão tendo impactos na degradação da mesma. Estas funções não foram substituídas umas pelas outras. Elas se acumulam até os dias atuais na Baía, dando a configuração de degradação atual que a gente tem, e na verdade a degradação deste ambiente acaba se intensificando justamente com a instalação da REDUC, que está aqui no município de Duque de Caxias.

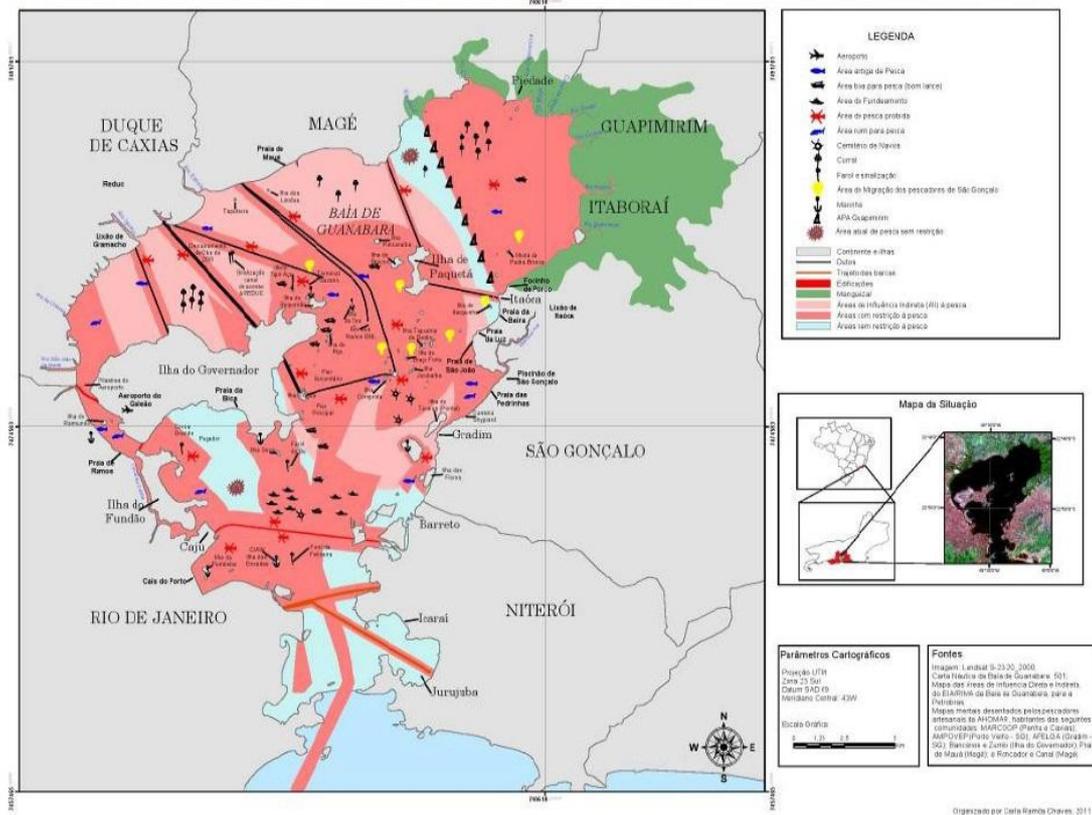
Eu escolhi os pescadores de Magé, pois eles têm um histórico de luta muito atuante nesta militância. O presidente da Associação de Homens e Mulheres do mar da Baía de Guanabara (AHOMAR), que é uma das principais associações de representação deste grupo de pescadores, ele é escoltado 24H por dia, porque ele é constantemente alvo de ataques, claramente esses ataques eles são realizados a mando da REDUC, da PETROBRÁS, já que são os principais opositores da pesca na Baía de Guanabara, e então ele atualmente também faz parte de um programa de proteção a testemunhas, onde ele não pode ficar muito tempo na mesma residência, então ele vive mudando constantemente de lugar, devido a estes ataques, e aí por estas questões destas lutas que eu escolhi trabalhar com estes pescadores, já que eles têm esta participação mais efetiva.

Este mapa mostra aquela área mais clara ali próxima ao município de Magé, que era uma área totalmente disponível para pesca, e após a instalação dos dutos da REDUC, quando ela entrou em funcionamento, esta área acabou

sendo totalmente restringida para o pescador realizar suas atividades. E como eles não têm condições de adquirir embarcações maiores, eles não podem ir a uma distância maior para realizar esta atividade. E eles acabam com pouco espaço para a pesca, já que toda aquela área em torno do duto acaba sendo uma área de influência, onde eles não podem pescar para evitar algum tipo de acidente, e aí a área de pesca deles acaba sendo cada vez mais restringida.

Mapas de Áreas de pesca com e sem influência dos dutos





Fonte: Chaves, 2011, p.137

Por isso, nesse sentido, eu decidi trabalhar com estes pescadores. Aqui temos algumas imagens das lutas que estes pescadores já enfrentaram. Esta segunda imagem aqui era uma obra de ampliação dos dutos da REDUC, que estava sendo realizada em 2011, não possuía licença ambiental, e mesmo assim a REDUC iniciou os trabalhos, mas os pescadores ocuparam o canteiro de obras durante 31 dias, e conseguiram embargar a realização desta obra.

O objetivo geral de minha pesquisa é analisar as transformações no movimento do modo de vida pesqueiro a partir das transformações espaciais entre os anos 2000 e 2015. Quando eu falo transformações no modo de vida, é que atualmente estes pescadores passam a ter como base do modo de vida deles o movimento de sobreviver, resistir, e realizar possibilidades estratégicas em busca de ganhar visibilidade. Nesse sentido, se torna importante dar voz a esta questão importante, a esta luta, e eu escolhi dar voz a esta luta através deste trabalho acadêmico.

Para finalizar a minha fala, eu gostaria de retomar novamente a importância da gente estar participando das atividades que a universidade coloca para a gente, disponibilizando não somente aqui, mas estar procurando estar participando constantemente dos eventos acadêmicos, não somente pelas festas, mas estas questões de viagem, participar do centro acadêmico é muito importante porque as discussões que são feitas neste espaço, as vezes por

uma conversa informal complementa o que foi trabalhado na sala de aula, e que talvez a gente não consiga ter clareza quando o professor está falando.

Muitas vezes eu assistia as aulas por exemplo do Álvaro, do Fred, e as vezes eu saia sem entender algumas coisas trabalhadas na aula, mesmo tendo lido o texto, mas em uma conversa informal no centro acadêmico, em um debate momentâneo, aquelas coisas iam aparecendo na prática, no que estava sendo dito sobre a atuação no movimento estudantil, e você via aquelas questões na prática, e você via fazer sentido o que se discutia na sala de aula. A teoria pela teoria em alguns casos pode não fazer sentido, e quando você usa as teorias na prática, nas suas ações cotidianas, elas realmente começam a fazer sentido, e aí sim a nossa profissão de Geógrafo começa a também ter um sentido.

Se nós temos tantos elementos, e falamos tanto das possibilidades que o Geógrafo tem de mudar o seu espaço, de mudar a realidade, até então como professor de Geografia, se nós temos a possibilidade de transformar esta realidade, porque não se apropriar disso de forma efetiva, participando de todos estes espaços de discussão.

Referências Bibliográficas

CHAVES, Carla Ramôa. Mapeamento Participativo da Pesca Artesanal da Baía de Guanabara. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.